

## LIVRO II: O COMPLETAR DO SÍMBOLO

### I

Eu nada sabia acerca dos *Quatro Princípios* quando escrevi o último livro: uma das transcrições perdera-se, por efeito da frustração ou por negligência minha. As *Faculdades* são os poderes voluntários e adquiridos do homem e o seu objecto; os *Princípios* constituem o fundamento das *Faculdades*, e agem uns sobre os outros da mesma forma, se bem que os meus instrutores, para evitar confusões, lhes tenham atribuído uma geometria diferente. Todo o sistema se baseia na crença de que a realidade última, simbolizada pela Esfera, cai, na consciência humana, como Nicolau de Cusa foi o primeiro a demonstrar, numa série de antinomias. Os *Princípios* são as *Faculdades* transpostas, por assim dizer, de um espelho côncavo para um espelho convexo, ou vice-versa. São elas *Invólucro*, *Corpo Passional*, *Espírito* e *Corpo Celestial*. *Espírito* e *Corpo Celestial* são a mente e o seu objecto (as Ideias Divinas na sua unidade)<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Na seguinte passagem do texto *The Friend*, Coleridge escreve «razão» onde eu escrevo «mente». «Não me repugna definir, como faz Jacobi, ou como o meu amigo Helvetius, a razão como um órgão que estabelece com o seu objecto espiritual, o universal, o eterno, o necessário, a mesma relação que o olhar estabelece com os fenómenos materiais e contingentes. Mas há que acrescentar que se trata de um órgão idêntico aos objectos que lhe são próprios. Deste modo, Deus, a alma, a verdade eterna, etc., são objecto da razão; mas são também eles próprios razão... tudo quanto seja autoconhecimento consciente é razão.» Mais adiante Coleridge distingue entre «o sentido exterior e o olhar do intelecto que é a razão»; na página seguinte entre o intelecto e o seu objecto ou, como diríamos nós, entre Espírito e

ao passo que *Invólucro* e *Corpo Passional*, correspondentes a *Vontade* e *Máscara*, são sentido<sup>1</sup> (impulso, imagens; a audição, a visão, etc., imagens que associamos a nós próprios — o ouvido, o olho, etc.) e objecto do sentido. O *Invólucro* é simbolicamente o corpo humano. Através do seu conflito, os *Princípios* revelam a realidade mas não criam nada. Encontram a sua unidade no *Corpo Celestial*. As *Faculdades* encontram a sua na *Máscara*.

Pode considerar-se que a roda ou cone das *Faculdades* completa o seu movimento entre o nascimento e a morte, ao passo que a dos *Princípios* inclui também o período entre vidas. No período entre vidas, o *Espírito* e o *Corpo Celestial* são dominantes, ao passo que o *Invólucro* e o *Corpo Passional* dominam durante a vida. Uma vez mais, dia solar, noite lunar. Se, todavia, considerarmos as duas rodas ou cones como movendo-se à mesma velocidade e colocarmos, para efeitos de comparação, os *Princípios* num duplo cone, traçado e numerado como o das *Faculdades*, sobrepondo-o depois ao das *Faculdades*, a linha que no primeiro une a Fase 1 à Fase 15 será perpendicular à que no outro une as mesmas fases. A Fase 22, no cone dos *Princípios*, coincidirá com a Fase 1 no cone das *Faculdades*. «Sul Lunar no Leste Solar.» Na prática, porém, não dividimos a roda dos *Princípios* segundo os dias do mês, mas sim segundo os meses do ano.

Com a morte a consciência passa do *Invólucro* para o *Espírito*; é-nos dito que *Invólucro* e *Corpo Passional* desaparecem, o que corresponde ao carácter coercivo da *Vontade* e da *Máscara* a partir da Fase 22, e o *Espírito* afasta-se do *Corpo Passional* e agarra-se ao *Corpo Celestial* até se tornarem um só, passando a existir apenas um *Espírito*; puro intelecto, contendo em si a pura verdade, aquela que apenas depende de si própria: tal como nas fases primárias, o *Espírito Criador* agarra-se ao *Corpo de Sina* até que a mente, privada do seu obstáculo, já não consegue criar e nada resta senão «os espíritos em uníssono», factos sem *Corpo Celestial*: «o raciocínio (ou a razão nesta sua acepção secundária) não consiste nas ideias ou na sua clareza mas simplesmente em verificar, quando elas se encontram no intelecto, se coincidem ou não umas com as outras.»

<sup>1</sup> Na filosofia indiana existem sentidos activos e passivos. Ver é passivo, caminhar activo.

relação entre si e uma mente sem rumo, a extinção que aguarda todo o esforço voluntário.

Por trás do *Invólucro* (ou sentido) está a ânsia do *Daimon* de tornar aparentes, a seus próprios olhos, determinados *Daimons*, e os órgãos dos sentidos são essa ânsia tornada visível. O *Corpo Passional* é a soma desses *Daimons*. O *Espírito*, em contrapartida, é o conhecimento do *Daimon*, pois no *Espírito* ele conhece todos os outros *Daimons* como Ideias Divinas na sua unidade. Estas encontram a unidade no *Corpo Celestial*. O *Corpo Celestial* identifica-se com a necessidade; quando apreendemos os *Daimons* como *Corpo Passional*, eles estão sujeitos ao tempo e ao espaço, à causa e ao efeito; quando são conhecidos pelo *Espírito*, são conhecidos como necessidade intelectual, pois aquilo que o *Espírito* conhece torna-se parte do próprio *Espírito*. O *Espírito* não pode conhecer os *Daimons* na sua unidade enquanto não os apreendeu primeiro como objectos dos sentidos, e o *Corpo Passional* existe para poder «salvar da solidão o *Corpo Celestial*». No simbolismo, o *Corpo Celestial* é apresentado como envelhecendo à medida que o *Corpo Passional* rejuvenesce, e por vezes o *Corpo Celestial* é o prisioneiro na torre que o *Espírito* vem libertar. Outras vezes, envelhecido, torna-se a personificação do mal. Acossa, persegue e aprisiona os *Daimons*.<sup>1</sup>

## II

E é precisamente por o *Daimon* procurar, através do *Invólucro*, aquilo de que necessita no *Corpo Passional*, que quando o *Corpo Passional* predomina tudo é *Destino*; o homem dominado pelo seu *Daimon* age desdenhando a razão; ao passo que o homem descobre através da razão ou através da visão directa do

<sup>1</sup> Veja-se o *Mental Traveller*, de Blake. Nem Edwin Ellis, nem eu, nem nenhum outro comentador explicou o poema, embora alguns tenham explicado certas passagens. O leitor de *Uma Visão* compreendê-lo-á imediatamente. Ter-se-ão Blake e os meus instrutores inspirado numa fonte histórica desconhecida, porventura uma explicação do ciclo lunar?

*Espírito* a Sina ou Necessidade, que se situa fora dele, no *Corpo de Sina* ou no *Corpo Celestial*.<sup>1</sup>

O *Corpo Passional* é, sob outro aspecto, idêntico à luz física; não a série de imagens distintas que designamos por esse nome, mas a luz física tal como a entendiam os filósofos medievais, tal como a entendia Berkeley no seu *Siris*, Balzac no seu *Louis Lambert*, como criadora de tudo o que é sensível.

É devido a essa identificação da luz com a natureza que os meus instrutores desenham a branco o cone *antitético* ou lunar das *Faculdades* e a sombreado o cone solar. No cone dos *Princípios*, o cone solar é claro e o outro escuro, mas a sua luz é pensamento e não natureza.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Os Fragmentos Herméticos estabelecem até certo ponto a mesma distinção. A Necessidade impõe-se-nos, segundo neles se afirma, através dos acontecimentos da vida, e há que obedecer-lhe. O Destino lança a semente desses acontecimentos e impele os homens perversos. Um fragmento acrescenta a «Ordem» como elemento de ligação entre «Necessidade» e «Destino» e identifica-a com o Cosmos. Os três constituem, aparentemente, uma tríade hegeliana. Resumo aqui o que afirmam Scott, *Hermetics*, Exc. vii. Exc. viii. e Aeslepius iii. Secção 39. A diferença entre o meu ponto de vista e o deles está em que não posso aceitar que o Destino apenas inspire os homens perversos. Os Fragmentos Herméticos estão impregnados de Intelectualismo Platónico. O destino torna-se perverso quando o *Corpo Passional* fica sujeito à Necessidade.

<sup>2</sup> Collyns Simon, no índice dos *Principles of Human Knowledge*, chama à luz uma «Sensação, e não a condição ou causa das sensações, como certos físicos pretendem ensinar.» Berkeley, segundo Hone e Rossi, designava por luz não uma «Sensação» mas sim aquilo que «revela a Sensação... um agente semimaterial» que só a mente tem o poder de discernir; mas Simon tem razão, pois Berkeley afirma que os animais distinguem a Luz onde nós apenas vemos trevas, e utiliza esse argumento para provar que a Luz é omnipresente. No *Commonplace Book* prevenia-se a si próprio contra o tema, teologicamente perigoso, da personalidade. Terá ele, nos seus pensamentos mais íntimos, acabado por considerar a Luz como acto criador de um ser universal presente em todos os seres? Grosseteste, bispo de Lincoln, descrevia a Luz como sendo a própria corporeidade, e pensava que, em conjugação com a matéria primeira, ela engendrava todos os corpos. Pierre Duhem analisa a sua filosofia em *Le Système du Monde*, vol. V, pp. 356, 357, 358. Plotino descreve a luz que vemos de olhos abertos, e a que vemos quando friccionamos os olhos fechados, como uma luz que provém da própria alma. A moderna designação «Luz Astral» sugere esta origem e deriva provavelmente de um desses platónicos do século XVII que fizeram da estrela o símbolo da alma, mas os escritores populares que a utilizam parecem julgar que só a Luz captada na Visão Espiritual provém dessa estrela.

## III

O *Espírito* é o futuro, o *Corpo Passional* o presente, o *Invólucro* o passado, indo buscar o seu nome ao invólucro que a semente abandona quando germina. O *Corpo Passional* é o presente, a criação, a luz, os objectos dos sentidos. O *Invólucro* é o passado, não apenas porque os objectos passam antes que consigamos conhecer-lhes as imagens, mas porque essas imagens se enquadram em padrões e recorrências moldados por uma vida ou vidas passadas. Em dados momentos identifica-se com a raça ou o instinto. É o eu involuntário, sendo a *Vontade* o voluntário. Não sei, porém, ao certo, se compreendi a afirmação segundo a qual o *Espírito* é o futuro. Teria compreendido se os meus instrutores tivessem dito que o *Corpo Celestial* era o futuro, pois as formas ideais só se revelam através da esperança; talvez eles queiram dizer que não procuramos de facto estas formas, que enquanto distintas de nós elas são ilusórias, mas que procuramos, em contrapartida, o *Espírito* como realização completa — e não é verdade que os espíritos afirmam por vezes «Nós não temos presente<sup>1</sup>, somos o futuro», querendo com isto dizer que são a realidade tal como a apreendemos sob a categoria do futuro? De outro ponto de vista, os espíritos não têm passado nem presente, porque *Invólucro* e *Corpo Passional* desapareceram. Os meus mestres não caracterizam o *Corpo Celestial*, mas ele representa sem dúvida alguma o intemporal. Nas *Faculdades*, a atribuição parece ser inversa. Nas *Faculdades*, a *Máscara* (as formas «criadas pela paixão para nos unirem a nós próprios», nas fases *antitéticas* a beleza) é aparentemente o intemporal, a *Vontade* o futuro; o *Corpo de Sina*, ou Realidade de Facto, o presente; a *Mente Criadora* o passado. O passado das *Faculdades* é abstracto, constituído por uma série de juízos. «Quando morreu Júlio César?» «Quais são os componentes químicos da água?» A Memória é uma série de juízos e esses juízos impli-

<sup>1</sup> Dante descreve os espíritos do *Inferno* como não tendo presente; quando se aproximam do presente tudo se obscurece. O seu futuro não é, porém, o futuro da liberdade espiritual.